



RELICI

## CRÔNICAS DE UM CINÉFILO: A TRILOGIA DAS IDAS ÀS SALAS DE CINEMA<sup>1</sup>

*José Edemir da Silva Anjo<sup>2</sup>*

### RESUMO

Este ensaio teórico-reflexivo tem a intenção de realizar provocações, a partir da experiência pessoal expressa em três crônicas, sobre a prática de ir ao cinema, sobretudo do espaço da sala de cinema como um espaço praticado. A sala de cinema pode ser compreendida como espaço de interação de forma complexa entre suas formas de interação e fragmentação de símbolos produzidos e reproduzidos no contexto da pluralidade cultural da sociedade.

**Palavras-chave:** cinema, sala de cinema, espaço.

### ABSTRACT

This theoretical-reflexive essay intends to provoke, based on personal experience expressed in three chronicles, about the practice of going to the cinema, especially the space of the cinema as a practiced space. The cinema can be understood as a space of interaction in a complex way between its forms of interaction and fragmentation of symbols produced and reproduced in the context of the cultural plurality of society.

**Keywords:** cinema, movie theatre, space.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde a primeira vez que fui a uma sala de cinema, percebi ao longo dos anos que fui tendo outras primeiras vezes nesse mesmo lugar. Foi ali, a primeira vez que dei o um beijo em alguém, que fortaleci laços de amizades, que cresci. E eu não estava sozinho, havia pessoas com gostos semelhantes, e muitas das vezes, peculiares. Com a prática da ida, saí de um amador da plateia para um cinéfilo de carteirinha. Vejo de comédia pastelona aos filmes “cults”. O que me importa é estar

---

<sup>1</sup> Recebido em 07/01/2020.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Lavras. jose.anjo@estudante.ufla.br

Revista Livre de Cinema, v. 7, n. 3, p. 123-134, set-dez, 2020

ISSN: 2357-8807



RELICI

124

na sala de cinema, o filme acabou ficando em segundo plano, serve apenas de plano de fundo.

E das provocações dos debates e imersões nas leituras ao longo das idas a salas de cinema, me veio a pensar na produção destas crônicas. A crônica é um texto de produção majoritariamente jornalístico, que tem como objetivo a exposição de fatos cotidianos, de forma mais informal e pessoal na sua configuração de narrações, e de forma mais curta e reflexiva como proposta ao leitor. Com isto, me propus a refletir sobre as percepções de espaço, tempo, e sociabilidade nas salas de cinema.

### **PARTE 01: UMA MEIA-ENTRADA, POR FAVOR!**

Ainda me lembro da primeira vez que fui a uma sala de cinema. 2001, na época de fim do ano de 2001 e lá estava naquele lugar que nunca me encontrei, ficava sempre perdido: o shopping. Criança, achava tudo muito mais bonito ali: parecia o centro da cidade, cheio de gente correndo para todos lados, mas por causa do Natal, era bem iluminado e cheio de enfeites, mas o bom mesmo era o ventinho frio que o ar condicionado provocava naquela tarde quente de verão em Maceió-AL.

Entre o corre-corre das pessoas pelo saguão, cheios de sacolas de compras, sempre atrapalhando o meu caminho para chegar no espaço que ficava o cinema, que eu não nem sabia ao certo, fui apenas seguindo aquelas plaquinhas que me guiavam e então, logo vi uns letreiros amarelos com os nomes dos filmes e os horários das sessões e de cara uma fila enorme na bilheteria para a compra do ingresso.

Fiquei muito preocupado com o tamanho da fila, pois era tão grande e não faltava tanto tempo para o início do filme e eu não queria perder nenhum tempo lá dentro e também não queria ter que esperar mais ainda para que a próxima sessão



RELICI

125

iniciasse. A ansiedade e o tique de ficar olhando a cada instante o tempo no relógio. Nesse tempo que corria e nada da fila andar, ainda pude perceber as conversas das pessoas ao meu redor, o que me deixava um pouco incomodado pelo barulho de conversas de gente que já tinha visto o filme e do nada soltavam informações das cenas.

Era um mix de raiva por ter perdido a expectativa (lei do engano) e de curiosidade para saber das percepções das outras pessoas sobre algo do qual gostaria de estar ali envolvido diretamente na conversa, da qual não fui convidado a participar, mas haveria necessidade dessa cordialidade ali? Em um lugar onde pessoas compartilhavam certos interesses em conjunto?

Passados esses instantes, onde acabei perdendo a ideia e preocupação do tempo por me entreter com as conversas alheias, cheguei enfim na bilheteria, mostrei minha carteirinha de estudante e então, pedi: uma meia-entrada, por favor! Esperava mais cordialidade do atendente, pois tinha chegado a observar que certas pessoas ao comprarem seus ingressos demoravam conversando, não sei o que, com os atendentes. Vai ver eram pessoas que vinham com mais frequência, diferente de mim que até então nunca tinha ido.

Mas o tempo havia corrido e chegava perto de finalmente chegar à sala e ver um filme numa telona só para mim e sentado naquela cadeira de cor vermelha, iguais às que havia visto nas fotos ao lado da bilheteria. Corri para mais uma fila, a da pipoca e refrigerante e fiquei mais uma vez perdido entre o escolher tamanho do saco da pipoca, porque além da pequena, média, grande, tinha a “mega e supercombo” e na curiosidade acabei levando uma supercombo, mesmo com um preço mais salgado. Vi ainda pessoas tirando fotos ao lado dos pôsteres dos filmes. Tinha pipoca, refrigerante e ingresso nas mãos, mas não tinha câmera fotográfica e celular com câmera era algo para poucos, retomava ali mais uma vez os pensamentos de não pertencer àquele local.



RELICI

126

Eis que entro na sala de cinema e logo me deparava com as pessoas na correria pela escolha da poltrona (sim, não se tinha poltrona com lugar marcado como nos dias atuais). Preferi fugir dessa feira-livre e acabei sentando na primeira fileira, onde havia lugares para eu escolher à vontade, pois além de fugir daquele movimento na entrada da sala, estava com receio das cabeças das pessoas atrapalharem a minha visão e não pudesse ver o filme por completo.

Apagaram-se as luzes e só aí percebi como a tela era de fato enorme. Ficava olhando para trás para identificar de onde vinha aquele freixo de luz. Era de uma salinha acima, lá no fundo da sala. E começou logo um vídeo com informações sobre segurança, no qual acredito que fiquei mais atento pelas informações caso houvesse um incêndio naquele lugar que sabia apenas por haver entrado, mas onde ficava a porta de saída? E logo depois disso, começaram a surgir uns resumos (hoje sei que são os trailers), de outros filmes e fiquei até confuso – será que estou na sala certa?

Fiquei impressionado também como a imagem ficava linda e o som bem mais alto do que o volume de uma TV. E finalmente, “O FILME”. Era “Harry Potter e a Pedra Filosofal”, não tinha lido o livro, mas sabia um pouco da história porque havia visto uma reportagem na TV. Me encantou a história de um menino que se via diferente dos outros, que não era muito aceito socialmente, mas um menino que sobreviveu...

Foi tudo tão gostoso, o sabor da pipoca, do refrigerante, com as pessoas que estavam ao meu redor, que nunca havia sequer visto, mas estávamos juntos naquele momento, rindo e prestando atenção ao mundo mágico literalmente que se apresentava para nós. E sem perceber, o filme chegava ao fim e eu estava muito emocionado por ter vivido tudo aquilo em um espaço de tempo daquele dia. Estava louco para contar todo mundo o que havia visto, sentido.



RELICI

127

Para muitos que estavam na sala comigo, poderia ter sido um momento banal, mas para mim não. A partir daquele momento havia criado para mim um novo espaço, onde podia viajar junto com os personagens, com a história que era contada. Ao passo das idas às salas eu poderia ir criando vínculos e compartilhando momentos com o pessoal que ali trabalhava, com as pessoas que sentavam ao meu lado nas sessões para logo depois do fim da sessão, poder discutir e dar até uma de crítico de cinema.

## **PARTE 02: AS DESVANTAGENS DE IR AO CINEMA**

Adoro ir ao cinema. O cheiro da pipoca, a sensação de que serei surpreendido em alguma cena que me tire o fôlego, que me faça chorar e refletir sobre a vida ou que odeie o final do filme por me apegar à história de um personagem, como a Annie Wilkes em “Misery”. Mas há pessoas que fazem da sala de cinema um lugar qualquer para passar o tempo.

Quando a sala de cinema se tornou minha segunda casa, passei a escolher sempre a mesma numeração de poltrona, apesar de saber que ficarei lá de forma temporária, transitória. E é nessa hora que encontro os meus “vizinhos” e a guerra dos tronos inicia-se na disputa entre as fronteiras e nos deparamos com esse tipo de vizinhança:

1. O atrasado atrapalhado: “com licença”, “licença”, “desculpa”, “é aqui o meu lugar?”;
2. Os indiscretos: spoiler: “presta atenção nessa cena que”, “é agora que ele vai beijar”, “eles não morrem, ficam juntos no final”;
3. O crítico: “que palhada”, “que filme bosta”, “tô perdendo meu dinheiro e tempo aqui”;
4. O risonho: “kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk”, rir de qualquer coisa e até a risada é mais engraçada que a cena do filme;



RELICI

128

5. Os histéricos: “ahhhhhhhhhhhhhhh socorro”, “ai que susto”, “meu Deus”;
6. O casal meloso: “ Splish splash fez o beijo que eu dei...”;
7. O espaçoso: há quem coloque os pés sobre as cadeiras dos outros e ainda há quem venha com bolsa, cheio de sacolas;
8. O porco: aquele que joga pipoca para tudo que é lado, menos na boca dele;
9. O conectado: aquele que faz do smartphone uma lanterna e não se contenta e fica lá no “whats” e esquece de deixar o celular no modo silencioso;
10. O intolerante a todos esses tipos: “pssssssiiiiiiiiuuuuu”.

Com exceção das estreias dos *blockbusters*, passei a analisar e identificar os dias e horários que as sessões estão mais vazias, para que eu possa ir, nisso fui me identificando e moldando meu gosto com os ditos “cults”. Aí me encontrei no nicho com pessoas mais velhas, intelectuais, das artes, e um cinema rico de cultura *vintage*. Os horários e número de salas podem ser mais reduzidos, mas a sensação de se sentir em casa fica mais garantida.

Evito a todo custo ir numa sessão em dias de promoção de meia-entrada, se bem que em tempos de crise precisamos relevar. Além de mais caro, há sempre muita gente e finais de semana, logo não vale à pena. Quando recorro aos downloads e filmes on line, perco o charme da sala de cinema, a qualidade técnica do som, da imagem 3D, da sociabilidade, mas ganho mais privacidade e aconchego no meu quarto. Nele, posso controlar a temperatura, o som, o tempo que inicia, as pausas e término da sessão ao lado da pipoca de micro-ondas. Acabo por criar meu próprio cineclubes.

### PARTE 03: HOJE EU QUERO IR SOZINHO

Era uma tarde de chuva de um domingo qualquer. Estava tão acostumado com os “não posso hoje, vamos ver algum dia desses”, “tô sem grana, não rola”,



RELICI

129

“cult demais pra mim”, “não assisto filme legendado”, “já vi esse filme”, “esse filme é chato, vamos ver outro amanhã”, que decidi ir finalmente: “quer saber, vou sozinho mesmo”. E fui... e lá estava eu, em “Paris, à meia-noite”, com Woody Allen que me guiava pela década de 20 e apresentava os grandes escritores e artistas desse tempo-espaço.

A magia da sala de uma sessão de cinema mais uma vez me surpreendia: quando dei por mim estava acompanhado, não só por Allen e cia, mas pelos funcionários do cinema que deixavam aconchegante a estrutura do espaço, as pessoas “estranhas” e algumas nem tanto, pois não adianta se esconder, sempre há um rosto conhecido em algum lugar que a gente vá. Essa reflexão ao longo do filme quebrou o paradigma que me impedia de ir sozinho. “Eu nunca estaria sozinho numa sala de cinema”.

Fui transgredindo a sensação que me incomodava ao perceberem que eu estava indo “sozinho” ao cinema. Não é sinal de solidão, de uma pessoa sem amigos ou com cara de poucos amigos. É bom ter alguém para poder ao longo do filme (falando baixinho) e após a sessão para discutir, dá uma de crítico amador... Mas já pensou em poder dividir a pipoca com a pessoa que sentou ao seu lado? Em criar novos vínculos ao sair da sessão ao puxar papo com pessoas com quem você acabou de compartilhar emoções ao rir, ao encher os olhos de lágrimas, ao trocar olhares?

Ir ao cinema sozinho me proporcionou um espaço para reflexão, pois ali, naquelas salas eu consigo me fazer da melhor companhia, passei a gostar de estar bem comigo mesmo, de poder ir ver aquele filme “tosco” ou “cult”, sem o julgamento de conhecidos. É ter um tempo para si. Às vezes me pego refletindo – até quando vou ficar indo sozinho ao cinema? Ir ao cinema sozinho passou de uma necessidade a um gosto, uma questão de hábito.



RELICI

## **A SALA DE CINEMA COMO LUGAR PRATICADO**

A partir da construção das crônicas, pude depreender ela como a construção de símbolos e significados que uma sala de cinema vem a gerar, quando a partir do nosso cotidiano um determinado espaço, como uma sala de cinema, se torna um “lugar praticado”. Este entendimento de espaço, como lugar praticado, advém da epistemologia de Certeau (2008), que nos levar a um olhar mais interpretativo das nossas ações realizadas em um determinado lugar.

Dos usos que fazemos desses lugares, cria-se a formação de espaços pelas práticas de sociabilidade entre as pessoas. Tal perspectiva de sociabilidade permite a promoção de discussão sobre a sociabilidade em espaços, como nas organizações, dentro de seus contextos culturais, que são plurais e heterogêneas, segundo Fantinel (2016), e conforme fui apontando as percepções de espaço que fui tendo no decorrer das idas as salas de cinema: de um ingênuo garoto “matuto” ao nível de transcender o espaço de uma sala de cinema.

As reproduções de filmes com salas em espaços fechados, comumente nos shoppings centers, propiciam novas dimensões de vivência entre as pessoas, que produzem experiências distintas, como as primeiras emoções e memórias afetivas positivas (parte 1), mas em outro momento, esse mesmo espaço cria lembranças nada agradáveis (parte 2), o que vem a levar o indivíduo a fazer mudanças, novos usos, novos lugares (parte 3).

Aqui, as salas de cinemas são compreendidas além do espaço de exibição cinematográfica. São espaços constantemente praticados por e para usos distintos a cada indivíduo. Assim, as salas de cinema se configuram como um espaço de sociabilidade. Tal aspecto de sociabilidade se torna evidente e relevante no processo de (re)construção dos espaços organizacionais (FANTINEL; CAVEDON; FISCHER, 2014).





RELICI

Há também a relação do tempo que muitas vezes passa por desaparecido, como nas situações que foram colocadas ao longo da parte 1, em que perdi a noção de tempo na fila. Chanlat (2010) aproxima a dimensão temporal como algo indissociável das ações humanas quando levamos em conta também a dimensão espacial. Assim, as dimensões de espaço e tempo condicionam a fundamentar a caracterização social das nossas relações humanas de modo subjetivo às percepções de espaço e tempo na sociedade.

O que é tempo na fila de espera para entrada na sala? A não do tempo real (aquele determinado pela convenção de nossa sociedade) e sua significância varia conforme o tipo de pessoa que ali se encontra. Para um fã de determinada franquia de sucesso, há nesse momento uma nostalgia e criação de expectativas que buscam serem superadas, pois o envolvimento com o objeto, onde muitas vezes é também um filme baseado de um livro, *best seller*.

Temos ainda o rito da preparação desse evento social, que vai desde a pré-produção, na escolha de elenco, do acompanhamento na produção nos bastidores, edição para enfim chegar na sala... para um fã, um cinéfilo, o tempo e espaço é algo que empreendeu um processo da criação de vários sentidos e emoções. Esse fã ou cinéfilo pode vir a encontrar pessoas na fila de cinema que desenvolveu essas mesmas sensações. E o que dizer das publicidades e informações de segurança e dos incontáveis trailers das novas produções? Estas situações permitem a reprodução e novos ciclos de sensações.

Fantinel e Cavedon (2010) veem que tais mudanças nos lugares praticados, são ocasionadas ao longo do desenvolvimento social e tecnológico, o que implica na alteração da percepção de espaço e tempo, e conseqüentemente nas experiências vivenciadas nos espaços. Isso leva um mesmo indivíduo a viver novas experiências a cada reconstituição desses espaços praticados. Isto fica constatado ao longo das



RELICI

132

primeiras experiências representadas na parte 1 à parte 3, onde a pessoa pensa “dominar” tal espaço que até chega a renegá-lo por outros espaços.

As transgressões de espaço e tempo são possíveis, na medida em que indivíduos buscarem confrontar e romper as estruturas estabelecidas socialmente por meio de novas práticas cotidianas. São desafios para a sociabilidade organizacional. Através dessas dimensões, das práticas cotidianas, os espaços de sociabilidade são percebidos como processos que estão em constante transformação (FANTINEL, 2016).

Podemos ver assim, as salas de cinema como lugares que possuem uma construção de espaço de forma complexa, com características de constituição de identidade do espaço para o indivíduo. A sala como lugar, traz a caracterização histórica para o indivíduo, pois nos lugares há a preservação da história das pessoas que ali construíram suas memórias ao longo do tempo (AUGÉ, 2012; FANTINEL; CAVEDON, 2010). O lugar torna-se um espaço carregado de interações sociais com os aspectos simbólicos densos (FANTINEL; CAVEDON, 2010).

As salas de cinema podem ainda ser compreendidas como projeção de “excesso” de espaço, um “não lugar”. Um não lugar se caracteriza pela construção de espaço produzido e utilizado de forma repentina e utilitária pelo indivíduo, como aponta Augé (2012). Nesse entendimento, Ipiranga (2010), os espaços de configurados dão uma coexistência de “entrelugares”, como a dos “vizinhos”, parte 2, temos o casal meloso que faz da sala de cinema um espaço para suas práticas afetivas, assim como dos “conectados”, que não se desconectam e apreciam o objetivo de se estar numa sala de cinema: ver um filme (mas será que seria esse mesmo o objetivo de ir a uma sala de cinema? Ter-se-ia apenas um ou mais objetivos?).

Nesta perspectiva, pode-se evidenciar que uma sala de cinema permeia no sentido que fazemos de seu uso e ao se ater na sociabilidade na presença frequente



RELICI

133

de tipos de pessoas, nos leva a criar certos estereótipos, como apresentados na parte 2, quando passamos a observar as ações dos indivíduos no ambiente desde a fila até sala de cinema que vai das suas interações entre gestos verbais e não-verbais (parte 1).

Partindo desta lógica, tem-se as salas de cinemas como espaço de interação de forma complexa entre suas formas de interação e fragmentação de símbolos produzidos e reproduzidos na pluralidade de quem usufrui desse espaço cultural. A organização da sala de cinema se torna para gestão algo complexo, um espaço organizado em constante processo de atividade dinâmica. Podemos passar a ver a sala de cinema como um espaço de grande contribuição para análise da sociabilidade, pois desencadeia em um constante processo de interação social.

Esta compreensão da sala de cinema, enquanto organização permite também uma reflexão sobre as sensações da interação entre de como as práticas sociais implicam na produção e reprodução desses processos sociais que passam a ter significados e identidade cultural organizacional nos espaços urbanos. Para tanto se fazem necessários novos caminhos a percorrer em estudos que problematizem as ressignificações de espaço e tempo nas interações sociais cotidianas presentes nas salas de cinema.

## REFERÊNCIAS

AUGÉ, M. Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Cap. 4. **Dos lugares aos não lugares**. São Paulo: Papirus, 2012.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHANLAT, J.F. O ser humano, um ser espaço-temporal. In: CHANLAT, J.F. **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. V. 3. São Paulo: Atlas, 2010.



RELICI

134

FANTINEL, L. As sociabilidades nas organizações: da sociologia formal às interações cotidianas. **RIGS**, v.5, n.2, p. 139- 151, 2016.

FANTINEL, L.; CAVEDON, N.R. A cultura organizacional do restaurante Chale da Praça XV em Porto Alegre: espaços e tempos sendo revelados. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 11, p. 6-37, 2010.

FANTINEL, L.; CAVEDON, N. R.; FISCHER, T. Significados permanentes e mutantes: sociabilidades e significações no cotidiano de um café. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, v. 50, p. 153-165, 2014.

IPIRANGA, A. S. R. A cultura das cidades e seus espaços intermediários: os bares e os restaurantes. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 11, n. 1. São Paulo, jan/fev, p. 65-91, 2010.